

18-08-2020

ÓCULOS

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/Goiás.
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/Goiás]

Todos os dias, após o almoço, numa espécie de hibernação da realidade, a menininha pegava uns trecos e sentava-se em frente ao espelho.

A grande placa de vidro estava pregada na porta do guarda-roupa. Sentada sobre as perninhas, ainda flexíveis, a pequena tinha, na imagem refletida, uma confidente amizade. O sussurro de uma era ouvido pela outra, dividiam o mesmo brinquedo sem nenhuma rusga. Mas, quando estava triste, procurava o canto da parede, sentia-se abraçada pela casa e ficava de cócoras por horas.

Permanecia até esquecer ou até a vontade de fazer birra passar. A imagem da amiguinha ficava turva, os finos contornos eram manchas que traziam o espremer dos olhinhos. Com medo de perder a amiga, a menina puxou a saia da mãe em gesto pedido de ajuda. Afinal, ela não poderia perder a única amiga e grande confidente. As duas tinham profundos segredos, como a parede rabiscada e a delícia de beber água no copão de fazer xixi.

Só a amiga sabia do prazer gerado pelo toque das mãos. No consultório, ela escorregava na cadeira, os seus olhos eram abertos, uma mão grande coloca pingos, de uma água, que ardem e coçam.

Depois, uma luz que cega, as mãos inclinam a cabeça e, por consequência, a boca abre. A menina respondia às perguntas que aquelas mãos faziam, mas os gestos explicativos eram direcionados à mãe. Ela sentiu que sua amiga não iria embora, quando a mãozona fez um cafuné na sua cabeça. Mas, para continuar brincando, teria que usar novo brinquedinho – os óculos. Ao chegar em casa, foi ao quarto, a fiel e pontual companheira estava à espera. O reflexo havia voltado com todos os detalhes. Tudo estava claro, cada recinto era depósito de nitidez.

Naquela casa, os dias amanheciam antes, os óculos resgataram o desejo de aventura dos piratas.

Um correr navegante pelo mundo das coisas ainda sem sentido. Os ritos no espelho diminuía, os segredinhos eram soprados pelo vento do esquecimento. Com o passar dos dias, a menininha via o pai, cada vez mais, em casa.

Os óculos ajudaram-na a reparar que a comida sumia do prato e depois o prato sumia da mesa.

Depois, percebeu que a lâmpada, antes clara, não ficava mais amarela, inicialmente, desconfiou que haveria queimado, mas a água do chuveiro estava fria. Ela concluiu que esse problema os pedaços de vidro não ajudariam a resolver. As brigas dos pais, também, foram vistas, mas agrediam mais os ouvidos. Parecia que todos aqueles problemas decorriam de uma doença que ninguém conseguia ver, um bichinho pequenino que deixava as pessoas doentes. Alguns diziam que era praga de Deus; outros, que isso nem existia. Alguém, muito importante, falou que era uma gripezinha.

A dúvida fez enrosco na imaginação: “por que não inventam óculos para as pessoas desviarem?” Contudo, ela ganhou uma máscara para se proteger, mas divertia-se com as lentes embaçadas. O pai voltou a não ficar em casa, saía com uma mochila vermelha e engraçada nas costas.

O papai colocava o capacete, montava na motoca e só voltava à noite. Ele levava comida para as pessoas que tinham fome. Ele, faminto, matava a fome daqueles que tinham a dispensa cheia.

Quando a entregava, alimentava-se apenas do cheiro. Em uma das entregas, começou a espirrar.

Logo depois, foi ver o médico e não voltou mais.

Parece que ele fez uma longa viagem, sua mãe disse que ele vai continuar cuidando delas, mas de longe. As lágrimas alagaram os olhos, a visão voltou a ser turva. Naquele momento, os óculos não trouxeram nitidez para a dor. Agora, a menina não usa mais aqueles óculos: ela era mais feliz no mundo embaçado. De frente ao espelho, ela voltou a conversar com sua amiga. Ela busca no irreal o alívio da vil crueldade trazida pelas paredes descascadas. Será que ainda não inventaram telescópio ou microscópio para vermos essa doença chamada miséria? ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.